

IDENTIDADE LINGUÍSTICA NA GUINÉ-BISSAU: OS PROCESSOS DE ASSIMILAÇÃO E DISSIMILAÇÃO DO GUINEENSE NO CONTATO COM AS LÍNGUAS BALANTA E FULA NAS REGIÕES DE GABÚ E TOMBALI

Augusto Nan Ghada¹

Gislene Lima Carvalho²

RESUMO: Os estudos sobre identidade linguística têm ganhado destaque nas últimas décadas, especialmente em contextos multilíngues. Este trabalho visa analisar a identidade linguística e os processos de assimilação e dissimilação que ocorrem no guineense, tendo em vista o preconceito linguístico que os habitantes das regiões de Gabú e Tombali enfrentam em relação ao uso dessa língua. Para a elaboração desta pesquisa, embasamo-nos nas contribuições teóricas de autores como: Labov, (1972, 1978, 1982, 2008); Bakhtin, (1998, 1997); Goffman, (2004); Fanon, (2008); Coelho; Mesquita (2013); Eagleton, (2005); Silva, (2000), entre outros, que abordam temas afins ao nosso objeto de estudo. Metodologicamente, esta pesquisa é de cunho sociolinguístico, com abordagem qualitativa, e, quanto aos procedimentos, combina a pesquisa bibliográfica com a pesquisa de campo. Além disso, realizamos entrevistas semiestruturadas com falantes das duas línguas em questão. Os resultados demonstram que o preconceito linguístico enfrentado pelos grupos étnicos Balanta e Fula, habitantes das regiões de Gabú e Tombali, em relação ao uso do guineense, está relacionado a variações fonéticas comuns, como a troca do fonema /g/ por /z/ (ex.: “**zeneral**” em vez de “**general**”) ou a supressão do fonema /a/ após /p/ (ex.: “**plavra**” em vez de “**palavra**”), entre outros fenômenos. Conclui-se, portanto, que valorizar os sotaques de Gabú e Tombali é reconhecer a pluralidade do povo guineense e garantir que nenhuma voz seja silenciada em nome de uma falsa homogeneidade. Ademais, demonstra a necessidade de valorização dos sotaques das variedades do guineense. Além disso, os resultados podem subsidiar políticas públicas, auxiliando o governo e instituições educacionais no desenvolvimento de estratégias eficazes para o ensino, rompendo com barreiras linguísticas, como a imposição do português como única língua de instrução e da administração pública.

Palavras-chave: Identidade Linguística; Assimilação; Dissimilação; Língua Guineense; Gabú e Tombali.

ABSTRACT: Studies on linguistic identity have gained prominence in recent decades, especially in multilingual contexts. This work aims to analyze the linguistic identity and the processes of assimilation and dissimilation that occur in Guinean, considering the linguistic prejudice that the inhabitants of the Gabú and Tombali regions face regarding the use of this language. For the development of this research, we based ourselves on the theoretical contributions of authors such as: Labov, (1972, 1978, 1982, 2008); Bakhtin, (1998, 1997); Goffman, (2004); Fanon, (2008); Coelho; Mesquita (2013); Eagleton, (2005); Silva, (2000), among others, who address themes related to our object of study. Methodologically, this research is sociolinguistic in nature, with a qualitative approach, and, regarding procedures, combines bibliographic research with field research. Furthermore, we conducted semi-structured interviews with speakers of the two languages in question. The results demonstrate that the linguistic prejudice faced by the Balanta and Fula ethnic groups, inhabitants of the Gabú and Tombali regions, regarding the use of Guinean, is related to common phonetic variations, such as the replacement of the phoneme /g/ with /z/ (e.g., “**zeneral**” instead of “**general**”) or the suppression of the phoneme /a/ after /p/ (e.g., “**plavra**” instead of “**palavra**”), among other phenomena. It is concluded, therefore, that valuing the accents of Gabú and Tombali means recognizing the plurality of the Guinean people and ensuring that no voice is silenced in the name of a false homogeneity. Furthermore, it demonstrates the need to value the accents of the varieties of Guinean. Moreover, the results can support public policies, assisting the government and educational institutions in developing effective strategies for teaching, breaking down linguistic barriers, such as the imposition of Portuguese as the sole language of instruction and public administration.

Keywords: Linguistic Identity; Assimilation; Dissimilation; Guinean Language; Gabú and Tombali.

¹ Graduando do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. E-mail: nanghadaaugusto98@gmail.com

² Orientadora. Professora do Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab. E-mail: gislenecarvalho@unilab.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Guiné-Bissau é um país constituído por uma grande variedade de grupos étnicos, cada um com suas próprias línguas, costumes e estruturas sociais. Está dividido em oito regiões administrativas: Bafatá, Gabú, Biombo, Bolama-Bijagós, Cacheu, Oio, Quinara, Tombali e o setor autónomo de Bissau, a capital do país.

Segundo INE (2009), a Guiné-Bissau, país da África Ocidental, tem uma população de aproximadamente 1.497.859 habitantes e um território de pouco mais de 36. 125 km². Faz fronteira com o Senegal, ao norte, com a Guiné (Conacri), ao sul e ao leste, e com o Oceano Atlântico, ao oeste. No país, há uma grande diversidade étnica, com estimativas variando entre 27 e 40 grupos étnicos (a depender da classificação em grupos ou subgrupos). Além do português, a língua oficial, são faladas mais de 20 línguas entre os habitantes locais. De acordo com o INE (2009), o guineense, língua de maior domínio, é falado por 90,4% da população, enquanto o português, língua oficial, é falado por apenas 21,7%. Segundo Rubio (2021), entre as línguas étnicas encontramos as seguintes porcentagens: 16% fula, 14% balanta, 7% mandinga, 5% papel e 3% felupe (há percentuais menores de falantes do beafada, bijagó, mancanha, saraculé, djacanca, manjaco, djola, cassanga, pajadinka, baiote, banhum, bassari, cobiana, mansonca e nalu).

Os estudos sobre identidade linguística têm ganhado destaque nas últimas décadas, especialmente em contextos multilíngues. Este estudo examina como o guineense interage com as línguas balanta, em Tombali e fula, em Gabú, analisando processos de assimilação (incorporação de elementos linguísticos) e dissimilação (preservação de traços originais), com o intuito de entender como esse contato molda a identidade linguística nas duas regiões, revelando tensões entre influências locais e a língua franca nacional, e destacando o papel do multilinguismo na construção sociocultural da Guiné-Bissau.

O combate ao preconceito linguístico enfrentado pelos grupos étnicos Balanta e Fula, habitantes das regiões de Gabú e Tombali, em relação ao uso do guineense, contribui para a promoção da igualdade linguística e social, bem como para a valorização de suas variedades dialetais. Assim sendo, temos como pergunta de partida: Como se manifestam os processos de assimilação e dissimilação no uso da língua guineense em contato com as línguas balanta e fula, nas regiões de Gabú e Tombali? Como questões específicas, temos: a) De que modo as línguas balanta e fula influenciam a variedade do guineense falado nas regiões de Gabú e Tombali? b) Quais processos fonológicos de assimilação e dissimilação ocorrem na língua guineense em decorrência do contato com as línguas balanta e fula? c) Como o desconhecimento dos

processos fonológicos de assimilação e dissimilação pode causar o preconceito linguístico contra os grupos étnicos Balanta e Fula nas regiões de Gabú e Tombali?

Consequentemente, temos como objetivo geral analisar identidade linguística e os processos de assimilação e dissimilação que ocorrem no guineense, tendo em vista o preconceito linguístico que os habitantes das regiões de Gabú e Tombali enfrentam em relação ao uso dessa língua. Como objetivos específicos, temos: a) Compreender de que modo as línguas balanta e fula influenciam a língua guineense. b) Investigar os processos fonológicos de assimilação e dissimilação que ocorrem no guineense, influenciados pelas línguas balanta e fula. c) Entender o quanto o desconhecimento dos processos fonológicos de assimilação e dissimilação pode causar o preconceito linguístico contra os grupos étnicos Balanta e Fula nas regiões de Gabú e Tombali.

Para a elaboração desta pesquisa, embasamo-nos nas contribuições teóricas de autores como: Labov, (1972, 1978, 1982, 2008); Bakhtin, (1998, 1997); Goffman, (2004); Fanon, (2008); Coelho; Mesquita (2013); Eagleton, (2005); Silva, (2000), entre outros, que abordam temas afins ao nosso objeto de estudo. Adotamos procedimentos metodológicos de cunho sociolinguístico, com abordagem qualitativa, e, quanto aos procedimentos, combina a pesquisa bibliográfica com a pesquisa de campo e a entrevistas semiestruturadas e questões objetivas, a fim de obter dados mais abrangentes.

Este trabalho despertou meu interesse devido à similaridade com minha própria vivência, já que sou originário de Mato-Forroba, uma comunidade do interior da Guiné-Bissau, no sector de Catió, região de Tombali. Durante minha passagem por Gabú e, posteriormente por Bissau, enfrentei preconceito linguístico devido à forma como me expressava. Um exemplo marcante ocorreu em Gabú, quando eu respondia “**Wóóó**”³ em vez de “**sim**”, ao ser chamado, algo natural na minha cultura Balanta, mas visto como estranho naquele contexto. Já em Bissau, meu modo de falar, vestir e agir era frequentemente chamado de “**Nánia**”⁴, e até me rotulava como “**Nánia de Gabú**”. Diante dessas experiências, decidi trazer elementos que ilustram a discriminação enfrentada pelos habitantes de Gabú e Tombali em relação ao uso da língua guineense.

Este trabalho justifica-se pela escassez de estudos sobre identidade linguística na Guiné-Bissau, a maioria das pesquisas sobre línguas na Guiné-Bissau concentra-se no guineense ou no português, deixando lacunas significativas: (1) a construção identitária dos

³ **Wóóó** (estou) é uma forma reduzida de “**Nhi Wóóó**”, que significa, na língua balanta, “eu estou”.

⁴ O termo “**Nánia**” é considerado preconceituoso e pejorativo na Guiné-Bissau ao se referir aos cidadãos da República da Guiné (Conacri), sugerindo que são insignificantes.

falantes por meio de línguas como o balanta e o fula; (2) os processos de assimilação e dissimilação, pouco analisados; (3) as dinâmicas regionais Gabú e Tombali insuficientemente exploradas; e (4) a carência de dados etnográficos sobre o uso real dessas línguas no cotidiano. O objetivo aqui não é suprir essa carência, mas promover uma reflexão acerca do emprego dessas línguas.

Além de preencher essas lacunas acadêmicas, o estudo visa contribuir para a valorização das variedades linguísticas do guineense e subsidiar políticas públicas linguísticas. Os resultados poderão auxiliar o governo e as instituições educacionais no desenvolvimento de estratégias eficazes para o ensino, rompendo barreiras linguísticas, como a imposição do português como única língua de instrução formal na administração pública.

Esta pesquisa ganha maior relevância quando consideramos o contexto de discriminação na sociedade guineense, evidenciada pela assimetria entre os habitantes das zonas rurais e das zonas urbanas, as pessoas que vivem nas zonas rurais são frequentemente estigmatizadas como menos sociais devido às péssimas condições sociais, econômicas e geográficas em que a maioria se encontra. Essa assimetria prevalece mais devido ao isolamento, à falta de acesso ao centro de cidade e às instituições públicas, são rotulados como “**i kamba korda di Safim**⁵” (atravessou a corda do *Safim*), uma expressão estigmatizada discriminatória legitimada pela própria sociedade, que sugere que a pessoa em questão não entende, colocando em dúvida sua inteligência. É importante destacar que a administração pública guineense, incluindo tanto infraestruturas públicas quanto privadas, encontra-se extremamente centralizada em Bissau (capital). No interior do país, há uma carência de serviços essenciais, como: hospitais, universidades, emissão dos documentos oficiais, etc., quando necessitam de atendimento, são obrigados a deslocar-se até a capital, situação que reforça o preconceito.

As marcas linguísticas identitárias dos habitantes do interior, particularmente das regiões de Gabú e Tombali, são evidentes sotaques e forte regionalismo, um processo linguístico conhecido como a variação linguística nos aspectos fonológicos (alterações fonéticas). No tocante aos fenômenos que constituem o propósito do nosso estudo, destacam-se os processos de assimilação e dissimilação. Assimilação inclui a troca do fonema fricativa labiodental vozeada /v/ em “**v**ida” pela oclusiva bilabial vozeada /b/ em “**b**ida”; a troca de oclusiva velar vozeada /g/ em “**g**elo” pela fricativa alveolar vozeada /z/ em “**z**elo”. A troca de

⁵ Safim é uma cidade do sector da região administrativa de Biombo, na Guiné-Bissau, que separa o sector autónomo de Bissau do interior. Nesse local há um posto avançado de controle e fiscalização que dá acesso ao centro da cidade. Isso, para nós, constitui-se numa forma de discriminação imposta pelo próprio Estado, fomentando o isolamento e a desigualdade social no seio da população.

/v/ por /b/; /g/ por /z/, entre outros casos, representa um fenômeno que chamamos de variação linguística. Trata-se, aqui, de uma variação fonológica, ou seja, a troca de um fonema por outro sem alteração do significado referencial da palavra, também podemos ilustrar o fenômeno de dissimilação, que consiste em supressão do fonema /a/ depois do fonema oclusiva bilabial desvozeada /p/, resultando em “*plavra*” em vez de “palavra”. Esses fenômenos são inerentes às variedades do guineense faladas nas regiões de Gabú e Tombali.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: introdução; referencial teórico, subdividido em quatro subtópicos, nos quais discutimos questões voltadas à Sociolinguística e ao estudo da língua em seu contexto social, introdução à identidade linguística, língua guineense: contexto histórico e sociolinguístico e os processos de assimilação e dissimilação na construção identitária do guineense; procedimentos metodológicos; análise e discussão dos dados recolhidos nos questionários; por fim, trazemos as considerações finais seguidas das referências que compõem as obras consultadas.

2. A SOCIOLINGUÍSTICA E O ESTUDO DA LÍNGUA EM SEU CONTEXTO SOCIAL

A Sociolinguística é uma área da Linguística que se “ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala” (Coelho *et al.*, 2010, p. 22). Para contextualizar os pressupostos teóricos da Sociolinguística, bem como os estudos da linguagem a partir do século XX, iniciamos com o linguista suíço Ferdinand de Saussure, precursor da linguística moderna, e o linguista americano Noam Chomsky. Saussure, pioneiro do estruturalismo linguístico, propôs em seu Curso de Linguística geral que a língua “(i) é tomada em si mesma, separada de fatores externos; (ii) é vista como uma estrutura autônoma, valendo pelas relações de natureza essencialmente linguística que se estabelecem entre seus elementos” (Coelho *et al.*, 2010, p. 13). Ou seja, para Saussure, a linguística tem como único e verdadeiro objeto a língua considerada em si e por si mesma. Para isso, ele postula algumas dicotomias, isolando o que, segundo sua perspectiva, seria de interesse da ciência linguística. A seguir, apresentamos essas dicotomias, ordenadas por sua relevância para a Sociolinguística:

a) Langue e parole – a langue é homogênea e social, um sistema de signos, um “tesouro” depositado, pela prática da fala, no cérebro dos falantes; é essencial. Já a parole é um ato individual de vontade, é heterogênea, manifestação concreta da langue; é acessória e acidental. O objeto da linguística, para Saussure, é a langue.

b) Sincronia e diacronia – correspondem a dois eixos ou perspectivas pelas quais se pode estudar a língua: na sincronia, se faz um recorte da língua em um momento

histórico (presente ou passado), como se fosse um registro fotográfico que capta as relações entre os elementos do sistema, tomando-se a língua como um estado do qual se exclui a intervenção do tempo; na diacronia, a língua é analisada como um produto de uma série de evoluções que ocorrem ao longo do tempo, portanto como algo mutável, dinâmico. É a perspectiva sincrônica, segundo Saussure, que permite o estudo científico da língua. (Coelho *et al.*, 2010, p. 13-14).

Vale salientar que Saussure admite que a língua seja um fenômeno social, produto de uma convenção estabelecida entre os membros de determinado grupo; porém, os fatores externos ao sistema são deixados de lado. Nos Estados Unidos, a partir da década de 1960, a visão formal da língua ganha destaque, com Noam Chomsky e a corrente gerativista, segundo a qual a língua “(i) é concebida como um sistema de princípios universais; (ii) é vista como o conhecimento mental que um falante tem de sua língua a partir do estado inicial da faculdade da linguagem, ou seja, a competência” (Coelho *et al.*, 2010, p. 14). Para o gerativismo, o foco reside no sistema abstrato de regras que geram sentenças gramaticais.

Como se observa, tanto estruturalismo quanto o gerativismo consideram a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais. Com base nesses fundamentos, a Sociolinguística emerge nos Estados Unidos na década de 1960, tendo como um de seus maiores expoentes William Labov. Ele foi um dos primeiros a investigar como a variação linguística se relaciona com as variáveis sociais.

2.1. INTRODUÇÃO À IDENTIDADE LINGUÍSTICA

Os estudos sobre identidade linguística têm ganhado destaque nas últimas décadas, especialmente em contextos multilíngues. Para compreender esse fenômeno, é necessário retornar ao passado e resgatar a ancestralidade, contextualizando a trajetória do homem negro em suas diferentes fases de evolução social.

Fanon (2008) apresenta as duas dimensões do homem negro: a mudança do seu perfil e personalidade social, primeiro em relação a seus semelhantes e depois em relação ao branco. O negro assume uma característica mutável, comporta-se de maneira distinta com o branco e com outro negro, sempre enfatizando o oposto de si mesmo, um resultado direto do processo de colonização a que foi submetido ao longo dos séculos. A colonização impôs uma lavagem cerebral ao homem negro, fazendo-o acreditar que era um ser inferior, descendente do macaco, sem língua própria, cultura ou civilização, e que dependia do homem branco para ascender socialmente. A partir daí, adotou um complexo de inferioridade, perdendo a originalidade de sua cultura. Para alcançar afirmação social, era necessário adotar a língua e a civilização da

metrópole, quanto mais assimilado fosse o escravizado ou o indivíduo das colônias, mais prestígio e títulos honoríficos desfrutavam, ou seja, “branco” se torna. (Fanon, 2008).

No processo de colonização, aqueles que dominavam a língua francesa, por exemplo, beneficiam-se de regalias, inclusive viagens a Paris. Conhecer a metrópole era um sonho: “Paris, cidade-luz [...] conhecer Paris e depois morrer” (Fanon, 2008, p. 35). Para esses negros, quem visitava a metrópole era visto como um *semi-deus*, e faziam-se todos os esforços para imitar os sotaques metropolitanos, tornando-se o mais “branco” possível. Esse fenômeno se espalhou por todas as colônias.

A Guiné-Bissau não escapou dessa realidade, na atualidade, muitos guineenses que dominam línguas europeias como português, francês ou inglês, são temidos e considerados intelectuais. Muitas vezes, são caracterizados como pessoas que vivem na “**Terra de dona Maria**”, em referência à Europa, especificamente Portugal. Nota-se que, nesse contexto, a intelectualidade é medida pelo domínio de línguas estrangeiras, enquanto as línguas nacionais são silenciadas por não terem prestígio. Nesse cenário, a identidade linguística não é um conjunto de características que definem e expressam a individualidade de um grupo por meio da linguagem, mas sim a capacidade de imitação do indivíduo, desconsiderando fatores culturais. Como afirmam Coelho; Mesquita (2013, p. 25), “língua, cultura e identidade são conceitos intrinsecamente ligados, uma vez que é por meio da língua que a cultura se constitui e é difundida, e é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação”.

Coelho e Mesquita (2013) afirmam que para discutir a língua, é fundamental contemplar questões extralinguísticas, como cultura e identidade, já que são elementos indissociáveis, uma abordagem linguística que ignore essas dimensões é incompleta. Esses três conceitos, língua, cultura e identidade, estão interligados tanto na teoria quanto na prática, e embora não sejam únicos, compartilham elementos como valores, crenças, costumes e práticas sociais, frequentemente retomados por diferentes teóricos ao analisar essa relação. Como afirma Cegalla (2007, p. 16), a língua “é por excelência o veículo do conhecimento humano e a base do patrimônio cultural de um povo”. Sendo um patrimônio cultural, ela deve ser acessível a todos, sem discriminação de suas variedades.

A língua é um sistema intangível, imutável; como toda criação humana, está sujeita à ação do tempo e do espaço geográfico, sofre constantes alterações e reflete forçosamente as diferenças individuais dos falantes. Daí a existência de falares regionais e de vários níveis de fala: culta, popular, coloquial, etc. (Cegalla, 2007, p. 16).

A língua, como um organismo vivo e em constante evolução, é moldada por diversos fatores ao longo do tempo. Ela se transforma conforme os anos passam, varia de acordo com as regiões geográficas e se adapta aos estilos de comunicação dos diferentes grupos sociais. Essas influências geram uma ampla gama de formas linguísticas, cada uma apropriada para contextos específicos de uso. Essa multiplicidade de estilos de fala reflete a riqueza cultural e social de uma comunidade, e por isso, deve ser reconhecida e valorizada. É fundamental compreender que a linguagem está sempre em movimento, sujeita a mudanças contínuas provocadas por fatores históricos, espaciais e sociais. Dessa forma, surgem diferentes maneiras de se expressar verbalmente, todas legítimas dentro de seus respectivos contextos. Portanto, é indispensável respeitar essa variedade linguística, evitando atitudes discriminatórias ou julgamentos negativos sobre os modos de falar que diferem do padrão considerado formal. A diversidade na linguagem é um reflexo da pluralidade humana e deve ser celebrada como tal. Como dizia Bakhtin,

[...] A língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. [...] Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (Bakhtin, 1997, *apud* Coelho; Mesquita, p. 27).

Em outras palavras, Bakhtin enfatiza que a língua não é meramente transmitida ou adquirida, mas vivenciada como um processo contínuo, é por meio da imersão nesse fluxo comunicativo para que a consciência se forme e se desenvolve. A língua materna, assim, não é um objeto externalizado, mas o meio pelo qual a consciência inicial se constitui. Sob a mesma perspectiva, Louis Jean Calvet (2007, p.12), afirma que “as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes”. Essa relação simbiótica entre língua e falantes revela que os idiomas são testemunhas vivas de processos sociais, políticos e culturais ao longo do tempo.

A cultura, de acordo com Eagleton (2005), compreende o conjunto dos valores, crenças, costumes e práticas que caracterizam o modo de vida de um grupo social, esse repertório possibilita ao indivíduo inserir-se e interagir em sua comunidade, orientando suas ações em contextos específicos. Desde os primórdios, todas as manifestações humanas como vestimenta, alimentação, fala e comportamento, são produtos de uma base educacional e cultural transmitida e reelaborada ao longo das gerações.

Conforme Silva (2000), a identidade é um significado cultural e socialmente atribuído, ela não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente, tampouco é homogênea, definitiva,

acabada, idêntica, transcendental. Mas sim, “é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada” (Silva, 2000, p. 97). Dessa forma, a identidade caracteriza-se por constante fragmentação e mutação, pode-se afirmar que ela é construída mediante um processo e nunca será finalizada, vai sempre haver adaptações aos contextos temporais e espaciais em que o indivíduo está inserido. Entretanto, os termos “identidade” e “subjetividade” são frequentemente utilizados como intercambiáveis quando na verdade não o são. A subjetividade refere-se à compreensão que temos sobre o nosso “eu”, envolvendo as emoções, nosso pensamento mais íntimo e pessoal. Enquanto, as posições sociais que assumimos e com as quais nos identificamos constituem nossas identidades.

Silva (2000), afirma que parece fácil definir identidade e diferença a partir da perspectiva “eu” versus “ele”, identidade como referência a si própria “aquilo que sou”, diferença como “aquilo que outro é” parece simples, mas não é, há uma estreita relação indissociável entre os dois conceitos. Por exemplo, ao afirmar “sou brasileiro”, implicitamente nega-se outras identidades: “não sou argentino”, “não sou chileno” e assim por diante, ocultando a negatividade em relação a outras nacionalidades, isto é, (ela não é o que eu sou).

A identidade e diferença estão ligadas a um sistema de significação cultural e socialmente atribuído, em estreita conexão com relações de poder que definem inclusão/exclusão, nós/eles, normal/anormal, assim por diante. O processo de classificação assume um papel fundamental na tomada das decisões para estruturação e hierarquização social, estabelecendo uma identidade específica como referência para avaliar e hierarquizar socialmente. Não se pode compreender identidade e diferença fora do contexto de significação, pois não são elementos naturais, mas construções sociais, culturais e representações simbólicas. O fenômeno da globalização e o capitalismo têm demonstrado uma certa convergência cultural nos padrões ocidentais de vida, isto fortalece a homogeneidade social com uma identidade dominante baseada em modelos de produção e consumo. Identidade é construída e fundamentada nas diferenças, envolvendo a relação de poder, sobre quem pode ordenar, afirmar, incluir ou excluir algo sobre nós, portanto não é fixa ou rígida, mas fluida e sujeita a mudanças. O essencialismo, ao defender que a identidade é imutável, não consegue justificar as transformações ao longo do desenvolvimento humano, seja no crescimento orgânico, seja nas relações sociais e intelectuais, esse posicionamento está ultrapassado, pois o ser humano está em constante evolução, permitindo mudanças de *status* e posicionamentos sociais. A identidade, assim, é um processo dinâmico de transformação, Silva, (2000).

Há casos em que a identidade é influenciada por processos de imitação, como estratégia de inserção social ou para obter aceitação, isso não ocorre naturalmente, mas com alta grau de monitoramento. Um exemplo concreto são meninas guineenses na Guiné-Bissau que assimilam comportamento de novelas, ou estudantes guineenses no Brasil que adotam pronúncias típicas do português brasileiro como as africadas alveopalatais [tʃ] “tia” e [dʒ] “dia”, características da oralidade do português brasileiro, que é inexistente no português guineense. A crítica não é à apropriação linguística em si, mas ao excesso de artificialidade nesse processo. No cotidiano, muitas vezes manipulamos nossas identidades, usando “máscaras” para nos aproximar do status do homem branco e obter prestígio, por exemplo, ao adotar línguas estrangeiras ou estilos de vida ocidentais, negamos nossas origens para abrir oportunidades. No entanto, nossa luta deve pautar-se pelo resgate da identidade e da dignidade negra, sem subterfúgios, podemos afirmar nosso lugar social valorizando nossas histórias, línguas e culturas, fundamentais para a construção identitária individual e nacional.

2.2 A LÍNGUA GUINEENSE: CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOLINGUÍSTICO

Entre as várias línguas minoritárias da Guiné-Bissau, a língua guineense é considerada a língua da unidade nacional, atuando como língua franca que medeia a comunicação entre os diversos grupos étnicos. No entanto, sabe-se pouco sobre o local da sua origem, segundo Embaló,

O kriol é um crioulo de base portuguesa, com uma gramática e léxico próprios. Surgiu do contacto do português com as línguas africanas, facilitando a comunicação não só entre os europeus e os africanos, mas também entre estes próprios, dada a diversidade linguística da região. Ele ter-se-ia formado entre o fim do século XVI e início do século XVII. No entanto, as opiniões divergem quanto ao local onde ele teria surgido. Para uns (Naro, 1978) teria sido em Portugal com a ida de escravos negros para lá ainda no século XV. De lá teria “emigrado” para a África. Outros estudiosos defendem que o berço da língua crioula foi Cabo Verde, como Peck (1988) e Kihm (1994) e, por fim, uma terceira corrente considera que foi na Guiné que ele se formou (Rougé, 1986). Muito próximo do crioulo falado em Cabo Verde, ou o caboverdiano, o kriol forma com este o Grupo Crioulo da Alta Guiné, o mais antigo de línguas crioulas de base portuguesa. Ele é também falado na região sul do Senegal, a Casamansa, parte integrante da colónia portuguesa da Guiné até 1899. (Embaló, 2008, p. 102).

A língua guineense desempenhou um papel fundamental na comunicação entre europeus e africanos, assim como entre diferentes grupos africanos, em uma região de rica diversidade linguística, é fascinante observar como a língua guineense reflete a história de interação entre culturas e continentes, conectando idiomas e povos de formas complexas e inesperadas. A língua guineense destaca-se como a principal em interações orais no país, sendo

considerada a língua nacional. Ela atua como idioma nativo para a maioria dos falantes e, também, como uma língua comum, especialmente em comunicações entre diferentes grupos étnicos. Além disso, é aprendida como segundo idioma por aqueles que têm como primeira língua os idiomas étnicos.

Embora o português seja reconhecido como a língua oficial da Guiné-Bissau, ele não é a primeira língua dos guineenses. Esse idioma é aprendido principalmente nas escolas, sendo tratado como uma segunda língua. Apesar de seu uso limitado em conversas cotidianas e interações orais, o português é amplamente utilizado na comunicação escrita e oficial do país. Por outro lado, as línguas étnicas, que são as primeiras línguas dos guineenses, têm uso mais restrito, geralmente dentro das respectivas comunidades étnicas. No entanto, por serem muitas e com menor número de falantes em comparação às outras línguas, acabam enfrentando estigmatização.

Link; Phelan (2001, p. 377 *apud* Siqueira; Cardoso 2011, p. 97), afirmam que “estigma existe quando elementos de rotulação, estereotipização, separação, perda de status e discriminação ocorrem simultaneamente em uma situação de poder que permite tais componentes acontecerem”. Contudo, é a existência de uma relação de poder desigual que permite que tais mecanismos de desqualificação social se efetivem. A proibição da utilização das línguas minoritárias nas escolas na Guiné-Bissau constitui um ato de estigmatização e discriminação.

Calado (2023) aponta que estudantes do interior da Guiné-Bissau enfrentam sérias dificuldades de adaptação na capital, onde sofrem discriminação por não dominarem a língua guineense e o português. Esse cenário é agravado pela política de assimilação linguística ainda presente nas escolas, que proíbe o uso das línguas maternas e do guineense no ambiente escolar. Esta posição expõe um grave problema educacional e social na Guiné-Bissau, ilustra como a proibição das línguas minoritárias no ambiente escolar não é uma política linguística, mas um instrumento de exclusão. O relato conecta a discriminação linguística diretamente ao sofrimento individual dos estudantes, evidenciando como o estigma impede a adaptação e o sucesso acadêmico.

Segundo Embaló (2008), a identidade linguística guineense desenvolveu-se a partir da diversidade e da complexidade de sua população. Diferente de outros países africanos, nenhuma língua étnica se estabeleceu como língua franca ou predominante, devido à presença do guineense, inicialmente difundido nas áreas urbanas, foi estigmatizado e proibido pelas autoridades coloniais a partir dos anos vinte do século XX. Na época, considerava-se que falar português era sinal de civilização, enquanto o guineense era associado à falta de civilização.

Essa situação persistiu até a independência em 1974, quando o guineense se expandiu significativamente, especialmente durante o movimento de libertação liderado pelo Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde (PAIGC). Durante a luta, o guineense tornou-se símbolo de unidade nacional e, após a independência, sua utilização tornou-se comum em diversas esferas, inclusive em administrações antes dominadas pelo português. A luta pela libertação teve um papel crucial na disseminação do guineense, levando-o a regiões remotas onde antes não era falado.

2.3 PROCESSOS DE ASSIMILAÇÃO E DISSIMILAÇÃO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO GUINEENSE

Para uma abordagem progressiva do processo de assimilação e dissimilação linguística no contexto da língua guineense, é necessário retornarmos aos conceitos fundamentais e compreender o que são mudanças linguísticas. Este tópico, em particular, aborda as mudanças mais regulares, entre as quais estão as mudanças sonoras conhecidas como metaplasmos, uma vez que assimilação e dissimilação estão inseridas nessa categoria. O metaplasmo nada mais é do que as alterações fonéticas que ocorrem em determinadas palavras ao longo da evolução de uma língua, o que ajuda a compreender a etimologia dessas palavras, portanto, o metaplasmo pode ocorrer pela adição, supressão ou modificação dos sons, segundo Basso; Gonçalves, (2014).

Assimilação é entendida como “a transformação de um determinado fonema em outro que seja igual ou semelhante a um que é contíguo dentro da mesma palavra: **ipso** > **isso**” Basso; Gonçalves, (2014, p. 100). O exemplo destacado demonstra a evolução linguística que ocorreu do latim ao português clássico preservando a etimologia da palavra. E quanto a classificação assimilação ela pode ser classificada: Assimilação total (completa), assimilação parcial (incompleta), assimilação progressiva e assimilação regressiva. De acordo com a tabela 1 abaixo.

Tabela 1: Classificação dos Processos de Assimilação

ASSIMILAÇÃO - transformação de um determinado fonema em outro que seja igual ou semelhante a um que é contíguo dentro da mesma palavra: ipso > isso .			
ASSIMILAÇÃO TOTAL (COMPLETA) - o	ASSIMILAÇÃO PARCIAL (INCOMPLETA) - o	ASSIMILAÇÃO PROGRESSIVA - fonema assimilador	ASSIMILAÇÃO REGRESSIVA - assimilação se dá da

fonema assimilado é igual ao fonema assimilador: Persona> pessoa, mirabilia> maravilha, per + lo> pello> pelo.	fonema assimilado apenas se assemelha ao fonema assimilador: Auro> ouro, lacte> leite> leite.	se encontra antes do fonema assimilado (um fonema assimila um outro que lhe é posterior): nostro> nosso; etc.	frente para trás (um fonema assimila outro que é anterior): Persico> pêssego, captare> catar> catar, ipsa> essa, septe>sette> sete; etc.
--	---	---	--

Fonte: (Basso; Gonçalves, 2014, p. 100).

A tabela 1 ilustra a evolução do latim ao português clássico e ao português contemporâneo, demonstrando que as línguas variam no tempo e no espaço geográfico, um processo inerente às línguas naturais. Com o mesmo propósito de ilustrar a evolução linguística, também apresentamos como esse fenômeno ocorre na língua guineense, que tem passado por transformações ao longo do tempo, desde o “*crioulo fundo*” até “*crioulo leve*”, além de suas variedades regionais. Desse modo, a tabela 2 exemplifica essas mudanças fonéticas no guineense, uma vez que essa língua ainda não possui uma grafia consensual.

Tabela 2: Variação lexical entre os *Crioulos* Guineense "Fundo" e "Leve"

<i>CRIOULO FUNDO</i>	<i>CRIOULO LEVE</i>
<i>Bida</i>	Vida
<i>Palabra</i>	Palavra
<i>Benenu</i>	<i>Venenu</i>
<i>Bentu</i>	Ventu
<i>Paridi</i>	<i>Paredi</i>
<i>Turpesa</i>	<i>Bancu</i>
<i>Bela</i>	Vela
<i>Tchapa</i>	Chapa
<i>Djanela</i>	Janela
<i>Guarda tchuba</i>	Guarda-chuva

Fonte: elaborado pelo autor.

As palavras na tabela 2, principalmente as da primeira coluna, identificadas como “*crioulo fundo*”, estão em desuso, ou seja, têm pouca utilidade prática. No entanto, as gerações mais jovens ainda entram em contato com variedades do guineense faladas nas regiões de Gabú e Tombali, o que pode causar estranheza. É o caso de formas como “*plavra*” em vez de “palavra”, “*chincu*” em vez de “cinco”, entre outras palavras dessas variedades que são frequentemente estigmatizadas. Para minimizar esse preconceito que em nossa perspectiva, surge do desconhecimento do sistema e do funcionamento linguístico, assim como da hierarquização social, faz-se necessário abordar esse fenômeno de assimilação, em que um fonema se torna mais parecido com outro na cadeia da fala, caso frequente nas variedades do guineense falado nessas duas regiões.

Tomando em consideração as categorias de assimilação segundo Basso e Gonçalves (2014), ilustramos essas mesmas categorias em relação à língua guineense e às suas variedades faladas nas regiões de Gabú e Tombali. Ressalta-se que nem todas as categorias foram encontradas como é o caso de assimilação total (Completa) e da assimilação progressiva, que consiste na modificação de duas consoantes diferentes, tornando-as iguais, (por exemplo: rs > ss em persona > “pessoa”; st > ss em nostro > “nosso”; rs > ss em persicu > “pêssego”). Contudo apresentamos abaixo os fenômenos encontrados com base nas investigações realizadas:

Assimilação Parcial (Incompleta), ocorre quando um elemento linguístico como um som ou palavra de uma língua é incorporado em outra, mas não chega a se tornar idêntico aos padrões fonéticos ou gramaticais da língua receptora, ou seja, o elemento mantém traços estrangeiros perceptíveis, mesmo após adaptação.

Exemplo:

Cinco → *chincu*

Sufri → *chufri*

Sangui → *changui*

O fonema /s/ fricativa alveolar desvozeada passa para fricativa alveopalatal desvozeada /ʃ/. Característica predominante da variedade do guineense falado na região de Tombali.

Assimilação regressiva (também chamada de assimilação para trás) é um fenômeno fonético em que um som é alterado para se assemelhar a um som que vem depois dele na palavra, ou seja, um fonema anterior é influenciado por um fonema posterior, tornando-se mais parecido com ele.

Exemplo:

Palavra → *plavra*

Garrafa → *grafa*

A supressão do /a/ após a oclusiva bilabial /p/ resultando em "plavra" em vez de “palavra” pode ser melhor descrita como síncope supressão de fonema no meio da palavra ou assimilação regressiva (/pa/ → /pla/), resultando em um encontro consonantal /pl/.

Ainda destacamos epêntese - acréscimo de fonema no interior da palavra.

Exemplo:

Planta → *palanta*

Brasil → *Barasil*

PLAN → *palan*

Tranquilo → *tarankuilu*

Esses, entre outros, são características predominantes da variedade do guineense falado na região de Gabú. Conforme Basso; Gonçalves (2014, p. 100), a dissimilação, “consiste em estabelecer uma diferenciação entre dois fonemas iguais”. Exemplo: *liliu* > *lírío*”, ou seja, é um fenômeno fonético-fonológico em que dois sons semelhantes em uma palavra se tornam menos parecidos para facilitar a pronúncia ou distinguir significados. Ela é comum em várias línguas e ajuda a evitar sequências fonéticas difíceis de articulação ou distinguir. Muitas vezes, ocorre junto com outros processos fonológicos, como assimilação ou a metátese.

Existem diferentes tipos de dissimilação, entre os quais destacamos os principais: Dissimilação progressiva ou (direta); Dissimilação regressiva ou (inversa) e Dissimilação por substituição.

- Dissimilação Progressiva ou (Direta): O primeiro som influencia o segundo.

Ex.: (o /v/ posterior tornou-se /b/; /d/ torna-se /t/ etc., para evitar repetição).

Palavra → *pal**ab**ra*

Pedra → *pe**t**ra*

- Dissimilação Regressiva ou (Inversa): O segundo som influencia o primeiro.

Ex.: (o /v/ torna-se /b/ para evitar repetição).

*B**i**da* → *vi**d**a*

*Be**n**enu* → *ve**n**enu*

- Dissimilação por Substituição: Um som é trocado por outro diferente.

Ex.: Troca de /j/ para /z/; /g/ para /z/; /ch/ para /s/ etc.

Jovem → *zo**v**em*

Janela → *za**n**ela*

Jeito → *ze**i**tu*

General → *zeneral*
Geografia → *ziogarafia*
Chateado → *satiadu*

A situação retratada evidencia a existência da desigualdade linguística vivenciada pelas etnias Balanta e Fula na Guiné-Bissau, os episódios citados são apenas uma amostra de um padrão de exclusão mais amplo. O uso da língua guineense, sem a inclusão de suas variedades regionais, longe de ser um instrumento de integração social, representa uma barreira cotidiana que reforça as marginalizações. Assim, percebe-se que as práticas linguísticas no país não apenas refletem, mas também perpetuam desigualdades históricas e sociais, exigindo políticas públicas voltadas à valorização da diversidade étnico-linguística.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa classifica-se, quanto à abordagem, como qualitativa, e, quanto aos procedimentos, combina a pesquisa bibliográfica com a pesquisa de campo. A primeira baseou-se no levantamento e seleção de obras pertinentes ao tema, como livros, artigos e teses, a partir das quais foram coletados e analisados dados. A pesquisa bibliográfica, segundo Severino (2015, p. 95).

É aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. (...), (Severino, 2015, p. 95).

Por sua vez, a pesquisa de campo caracteriza-se por abordar,

O objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (surveys), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos. (Severino, 2015, p. 95-96).

Para a componente prática, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que se caracterizam por uma “estrutura flexível com questões abertas que definem a área a ser explorada” (Pope; Mays, 2009, p. 2345). Entrevistamos uma amostra total de doze participantes, entre os quais três Balantas residentes no Brasil, três Balantas em Tombali, três Fulas residentes no Brasil e três Fulas em Gabú, levando em conta a segmentação por meio das

variáveis: região e faixa etária. Regiões: Gabú, Tombali e estudantes Balantas e Fulas residentes no Brasil⁶; faixa etária de 15 anos a 45 anos e acima de 46 anos⁷.

Quanto ao procedimento de coleta de dados, deu-se por meio da entrevista semiestruturada, para a qual designamos uma pessoa na Guiné-Bissau, de nossa confiança, que fez as gravações de todos os entrevistados. Recolhemos essas informações através das redes sociais, WhatsApp e Telegram. Posteriormente, analisamos dados das entrevistas feitas e do material coletado. Fizemos a entrevista semiestruturada com questões relacionadas ao tema, a saber:

1ª Questão: Me conte uma história tradicional da sua variedade do guineense?

2ª Questão: Você percebe um preconceito ou um tratamento diferente em relação à sua forma de falar a língua guineense? Se sim, como?

3ª Questão: Na sua opinião, por que algumas pessoas criticam o sotaque do guineense falado em Gabú ou Tombali?

4ª Questão: Você já foi corrigido (a) ao falar guineense (por exemplo, no seu sotaque ou na escolha de algumas palavras)? Como reagiu?

5ª Questão: Como você pronuncia as palavras (chocolate, açúcar, janela, chapa, general, garrafa, fase, frase, tranquilo, pedra, palavra, planta, plan, zero, cinco, sangue, dois mil, etc.)? Alguém na sua família (pais, avós etc.) pronuncia de um jeito diferente?

Estes questionários foram aplicados aos Balantas de Tombali, Fulas de Gabú e estudantes Balantas e Fulas residentes no Brasil, falantes da língua guineense. Os residentes em Gabú ou Tombali por um período mínimo de 10 anos e conhecedores da realidade sociolinguística das regiões em estudo, ou seja, ser falante do guineense era critério obrigatório, além de ser falante de uma das línguas, fula ou balanta.

Levando em conta a segmentação por meio das variáveis: região e faixa etária. Regiões: Gabú e Tombali e faixa etária de 15 anos a 45 anos e acima de 46 anos. Esta segmentação permitiu análise mais contextualizada baseada nos princípios teóricos e metodológicos da Sociolinguística laboviana para obtenção do vernáculo, “o principal método para a investigação Sociolinguística é a observação direta da língua falada em situações naturais de interação social face a face. Essa língua é o vernáculo estilo em que o mínimo de monitoração ou atenção é dispensado à fala” (Coelho *et al.*, 2015, p. 102). Ou seja, essa técnica, além de consistir em

⁶ Os entrevistados residentes no Brasil são estudantes da UNILAB, em Redenção-CE.

⁷ É importante destacar que, em relação à faixa etária, indivíduos com idade acima de 46 anos não foram encontrados entre os estudantes da UNILAB no Brasil, mas foram encontrados entre os informantes em Gabú e Tombali na Guiné-Bissau.

observar e registrar o comportamento ou fenômeno estudado, também permitiu monitorar as interferências externas, sendo assim, é entendida como um recurso às pesquisas sociolinguísticas, permitindo assim o registro da fala sem monitoração de voz.

Dados pessoais dos entrevistados foram mantidos sob anonimato, seu foco foi apenas e exclusivamente em dados relativos ao assunto pesquisado. Entregamos um termo de consentimento livre que foi assinado pelos informantes, que assegurou aos participantes o direito de desistirem da pesquisa a qualquer momento que quiserem.

4. PRECONCEITO LINGUÍSTICO E VARIAÇÃO FONÉTICA: ANÁLISE DOS PROCESSOS DE ASSIMILAÇÃO E DISSIMILAÇÃO DO GUINEENSE FALADO EM GABÚ E TOMBALI

Apresentam-se, neste tópico, os principais resultados baseados nos dados fornecidos pelos informantes, de modo a atender aos objetivos desta pesquisa: Analisar a identidade linguística e os processos de assimilação e dissimilação que ocorrem no guineense, tendo em vista o preconceito linguístico que os habitantes das regiões de Gabú e Tombali enfrentam em relação ao uso dessa língua. Para ampliar a compreensão sobre o assunto, faz-se necessário recorrer às falas de estudantes Balantas e Fulas residentes no Brasil, bem como de Balantas de Tombali e Fulas de Gabú, a fim de verificar tais ocorrências, conforme previsto na metodologia. O preconceito linguístico, como bem define Bagno (2007), “está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre língua e gramática normativa. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. Uma receita de bolo não é um bolo, o molde de um vestido não é um vestido, um mapa-múndi não é o mundo... Também a gramática não é a língua” (Bagno, 2007, p. 09).

Tendo em mente a noção de que a gramática não é a língua, mas sim uma pequena parte dela, é fundamental que não desvalorizemos uns aos outros pelo fato de falarmos “certo” ou “errados”. Isto porque a própria função da língua é a interação social, segundo a concepção defendida pelos funcionalistas. Retornando às entrevistas realizadas, importa salientar que a sua análise foi conduzida de acordo com os objetivos propostos, focando-se não propriamente nos conteúdos abordados, mas sim nos fenômenos em estudo: a assimilação e a dissimilação.

Seguiremos, agora, com a apresentação dos questionários:

1ª Questão: Me conte uma história tradicional da sua variedade do guineense?

INFORMANTES	
Balantas na UNILAB	1º Informante: (...) Antes da invasão “ portuguesa ” (portuguesa) em 1446, a Guiné-Bissau tinha as suas línguas étnicas distribuídas por diferentes “ Rezions ” (regiões). O crioulo surgiu posteriormente e veio a unificar os povos. No caso da “ rezion ” (região) de Tombali, por exemplo, falava-se predominantemente a língua Balanta (...). Uma característica do crioulo antigo era a pronúncia “ Djorsi ” em vez de “Jorge”. Estas pronúncias arcaicas ainda hoje existem, principalmente no falar dos jovens não alfabetizados da “ rezion ” (região) de Tombali.
Balantas em Tombali	1º Informante: Ouvi uma história da época colonial e do período da escravatura sobre a construção da estrada entre Kudukó e o Porto de M’pungda (são aldeias na região de Tombali). Contam que as pessoas eram submetidas ao castigo brutal de transportar pedras na “ cabéza ” (cabeça) sem receber qualquer pagamento. Além disso, também ouvi relatos de que mulheres Balanta eram raptadas das suas aldeias e violentadas, ao ponto de os homens dessas comunidades terem de fugir e se esconder na selva.
	2º Informante: (...) Como costumavam dizer os mais velhos, Tombali era considerado o “ Cheleru ” (celeiro) da Guiné devido à sua grande produção (...).
	3º Informante: Eu tenho Sessenta e “ seix ” (seis) anos (...).
Fulas na UNILAB	2º Informante: Nasci ouvindo que os Fulas não sabem falar crioulo. Esta é uma percepção comum na Guiné-Bissau, e muitos reconhecem que os Fulas são muitas vezes vistos como estrangeiros (...).
	3º Informante: Quando se fala da variação “ linguística ” (linguística) na Guiné-Bissau, é fácil verificar que em todas as regiões do país existem sotaques diferentes do crioulo (...).
Fulas em Gabú	1º Informante: Sou Fula, natural de Gabú. Eu e os meus colegas costumávamos passear na “ puraça ” (praça) em Bissau (...).
	2º Informante: Eu falava crioulo errado, por exemplo, dizia “ mé pon ” ao invés de “ metade de pon ” (meio pão) (...).

Os depoimentos revelam a complexa dinâmica da língua guineense, por um lado, ela é reconhecida como a língua da unidade nacional, um símbolo de identidade supra-étnica num país multilíngue. No entanto, essa função unificadora convive com estereótipos que marginalizam grupos específicos, como os Fulas, frequentemente vistos como "estrangeiros" devido a percepções sobre sua proficiência linguística. Esta tensão gera insegurança linguística, evidenciada quando falantes classificam sua própria variedade regional como "errada", internalizando assim a existência de uma norma de prestígio, provavelmente associada à variedade de Bissau. Paralelamente, os falantes demonstram uma consciência metalinguística, reconhecendo a diversidade de sotaques da língua guineense em diferentes regiões. Há também uma percepção diacrónica da língua, onde traços fonéticos arcaicos, como a pronúncia “**Djorsi**”, são identificados como pertencentes ao “*crioulo antigo*” e associados a gerações não escolarizadas, sugerindo que a educação formal atua como um agente de padronização.

Para além de ser um sistema de comunicação, a língua guineense funciona como um arquivo vivo da memória coletiva, veiculando narrativas de sofrimento e resistência colonial, mas também preservando identidades regionais positivas, como a de Tombali, celebrada como

o "celeiro" do país. Assim, a língua revela-se um espelho das complexidades históricas, sociais e identitárias da Guiné-Bissau.

2ª Questão: Você percebe um preconceito ou um tratamento diferente em relação à sua forma de falar a língua guineense? Se sim, como?

INFORMANTES	
Balantas na UNILAB	3º- Informante: Sim, já fui alvo de preconceito, não necessariamente pela minha forma de falar, mas passei por humilhações várias vezes. Vou citar apenas uma: eu vendia no mercado de Bandim, em Bissau. Como sabe, sou da etnia Balanta, mas uma senhora me rotulou de Nánia , achando que eu era Fula. Ela disse: "Vocês Nánias exageram nos preços do óleo". Os Fulas na Guiné-Bissau são os que mais praticam o comércio (...).
Balantas em Tombali	1º- Informante: (...) Sim, já experienciei muito preconceito devido ao meu sutaculo (sotaque), uma vez que, por ser da minha etnia, acabo fazendo uma tradução direta às vezes (...).
	3º- Informante: (...) Não entendo o preconceito. Como não viajo e vivi quase a vida toda aqui em Tombali (...).
Fulas na UNILAB	1º- Informante: Sim, passei por isso inclusive na escola. Uma vez, utilizei a expressão " patim mpassa " (pedir licença) e sofri muito com isso durante quase todo o ano. Até hoje, alguns colegas ainda me chamam assim. Também dizia " seix " (com som de "x") em vez de "seis". Sentia-me traumatizado e, em casa, exercitava para melhorar a minha pronúncia (...).
	2º- Informante: Sim, o preconceito é inerente a todas as etnias da Guiné-Bissau, não se restringe apenas à etnia Fula. Para ilustrar, quando cheguei a Bissau para estudar, disse a um colega da faculdade: " nha tia tchusiam " que significa (a minha tia brigou comigo). A minha expressão tornou-se motivo de "gozo" (risos). Como se isso não bastasse, ainda me alcunharam de " Nánia ". Fiquei furioso, pois percebi que a intenção não era corrigir-me, mas sim me humilhar (...).
Fulas em Gabú	1º- Informante: (...) Sim, como referi na primeira pergunta, usei a palavra " puraça " em vez de "praça". Em Bissau, fui alvo de preconceito por causa disso, e a maneira como me corrigiram foi muito humilhante (...).
	3º- Informante: Sim, fui alvo de preconceito em várias ocasiões. Para exemplificar, recordo-me de estar a ensinar a minha irmã mais nova quando usei a palavra " china " em vez de " sina " (ensinar). Na altura, uma colega pôs-se a rir de mim e me rotulou de Fula de Gabú. A situação foi humilhante e deixou-me profundamente constrangida (...).

Ficou nítido que o preconceito linguístico na Guiné-Bissau é, na prática, um veículo para a discriminação étnica e regional. A língua funciona como um marcador social, onde o sotaque ou uma expressão regional são usados para rotular o falante, muitas vezes de forma imprecisa, como no caso dos Fulas que são chamados de "**Nánias**". Esta humilhação, que ocorre em espaços como a escola e a capital Bissau, não tem intenção pedagógica, mas sim o objetivo de reafirmar hierarquias sociais e excluir simbolicamente os considerados "forasteiros".

O impacto psicológico é profundo, levando à internalização do estigma, segundo Goffman (2004, p. 09).

(...) O indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos; isso é um fato central. Seus sentimentos mais profundos sobre o que ele é

podem confundir a sua sensação de ser uma "pessoa normal", um ser humano como qualquer outro, uma criatura, portanto, que merece um destino agradável e uma oportunidade legítima. (Goffman, 2004, p. 09).

Goffman aborda o aspecto profundo e paradoxal da experiência do estigma. O autor argumenta que o indivíduo estigmatizado frequentemente internaliza as mesmas crenças sociais dominantes que o marginalizam. Esse conflito interno entre a sua autoimagem de "pessoa normal" e a identidade social depreciativa gera um profundo sofrimento psicológico. Os falantes relatam trauma e a necessidade de exercitar em casa uma pronúncia "correta", transformando a fala natural em um processo marcado pelo nervosismo. Os "erros" que desencadeiam o preconceito, como "**puraça**" por "**praça**" ou "**china**" por "**sina**", têm origem em fenômenos linguísticos legítimos, como a interferência da língua materna ou a adaptação fonológica, mas são estigmatizados pela norma dominante de Bissau.

Dessa forma, o que se apresenta como um simples gozo pela forma de falar revela-se uma preocupação de preconceitos, onde étnico, regional e social se fundem. A consequência vai além da diversidade linguística, causando sofrimento individual e fraturando o tecido social. A pressão para abandonar o sotaque é, no fundo, uma pressão para apagar publicamente uma identidade étnica e regional, revelando a língua como um poderoso instrumento de opressão e exclusão.

3ª Questão: Na sua opinião, por que algumas pessoas criticam o sotaque do guineense falado em Gabú ou Tombali?

INFORMANTES	
Balantas na UNILAB	1º- Informante: Respondendo a esta pergunta, eu diria que é por falta de conhecimento. Se fizéssemos a " sondazem " (sondagem), quase 90% dos jovens guineenses sentem vergonha de usar suas línguas étnicas (...). A nossa " zeração " (geração) hoje zomba dos mais velhos por não saberem expressar-se bem em crioulo. Isso pode ser em forma de brincadeira com os mais velhos, mas acontece (...).
	2º- Informante: Eu " asu " (acho) que o propósito da língua é a comunicação; mesmo " asando " (achando) que a pronúncia não está boa, não é necessário haver risos, uma vez que já entendemos a informação. Eu " pexualmente " (pessoalmente) não gozo ninguém porque também tenho meus sotaques (...).
Balantas em Tombali	1º- Informante: Sofremos preconceito por acharem que somos da tabanca " tabanqueiros " (quem vive na tabanca) (...).
	2º- Informante: Somos alvo de preconceito porque o crioulo falado aqui em Tombali não é igual ao de Bissau. O crioulo de Bissau é quase português, tem uma mistura, enquanto aqui em Tombali ainda preservamos o crioulo original (...).
	3º- Informante: Temos várias etnias na Guiné-Bissau. Cada etnia, ao falar crioulo, puxa para as pronúncias da sua língua materna. Quem é de outra etnia pode não ver isso com bons olhos, mas a verdade é que todos nós incorporamos os traços sonoros das nossas origens étnicas (...).
Fulas na UNILAB	1º- Informante: Eu acho que tem a ver com o " rezionalismo " (regionalismo). No leste, as regiões de Gabú e Bafatá são as que mais sofrem preconceito na Guiné-Bissau (...).

	2º- Informante: Para mim, tem a ver mais com a questão do letramento, ou seja, falta de conhecimento, porque o crioulo na Guiné-Bissau é associado à alfabetização e não propriamente à questão cultural, como deveria ser (...)
Fulas em Gabú	3º- Informante: Tratam-nos como inferiores e sem conhecimento (...).

Com isso, percebe-se um cenário de conflito linguístico na Guiné-Bissau, onde se estabelece uma hierarquia de prestígio que privilegia a língua guineense de Bissau, visto como mais próximo do português. Em oposição, às variedades regionais e as línguas étnicas são estigmatizadas, tornando-se alvo de preconceito. Este julgamento linguístico reflete, na verdade, preconceitos sociais mais profundos, associados a origens geográficas (como o "regionalismo" contra Gabú e Tombali) e étnicas, onde o sotaque herdado da língua materna é desvalorizado. O afastamento urbano e rural é acentuado pelo termo pejorativo "**tabanqueiro**", que usa a língua como um marcador social para desqualificar os originários do meio rural.

A tensão manifesta-se também no plano geracional, os jovens, envergonhados das suas línguas étnicas, abandoná-las num claro processo de deslocamento linguístico. Paradoxalmente, usam o domínio da língua guineense urbanizado para zombar dos mais velhos, invertendo dinâmicas de autoridade tradicional. Esta mudança é agravada por uma visão instrumental da língua, tratada mais como ferramenta de alfabetização do que como pilar cultural. Pronúncias como "**zeração**" ou "**asando**", resultantes de hipercorreção ou da fonologia da língua guineense, funcionam como marcadores sociais, expondo os falantes ao gozo por não se adequarem à norma prestigiada da capital.

4ª Questão: Você já foi corrigido (a) ao falar guineense (por exemplo, no seu sotaque ou na escolha de algumas palavras)? Como reagiu?

INFORMANTES	
Balantas na UNILAB	1º- Informante: Foi corrigido muitas vezes. Não quero compartilhar (...), mas na altura fiquei muito " Nervojo " (nervoso) (...).
	2º- Informante: Como falei anteriormente, eu " pexualmente " (pessoalmente) não gozo ninguém porque também tenho sotaques (...).
Balantas em Tombali	1º- Informante: Sim, fui corrigido muitas vezes. Vou só compartilhar uma: estava assistindo a um filme, vi o cavalo e chamei de " gavalo ". O colega começou a rir. Perguntei se era alguma coisa, e aí todo mundo começou a rir na sala (...). Não tive nenhuma reação, mas me senti humilhado porque tinha muita gente na sala (...).
	3º- Informante: Sim, fui corrigido. Não sabia chamar peruca, chamava " beruca " (...). Não tive reação, até porque é um colega. Talvez se fosse um estranho (...).
Fulas na UNILAB	1º- Informante: Como já tinha dito, fui corrigido na escola quando utilizei a expressão " patim mpassa " (pedir licença). Também dizia " seix " (com som de "x") em vez de (seis) (...). Na verdade, discutimos, mas deixei passar e me senti envergonhado (...).
	3º- Informante: (...) Fui corrigido algumas vezes: o meu irmão mais novo queria sair com a minha irmã, e eu disse para ela " lebal djuntu " ao invés de " bai

Fulas em Gabú	<i>kuel</i> ” (vai com ele), e isso provocou risadas (...). Não reagi, mas senti vergonha de falar novamente para não errar (...). Também dizia “ <i>móta</i> ” ao invés de “ <i>mota</i> ” (moto) (...).
	2º- Informante: Sim, fui corrigido ao falar algumas palavras. Por exemplo: “ <i>sucar</i> ” em vez de (açúcar), e “ <i>só</i> ” em vez de (show) (...).

Os depoimentos revelam que a chamada correção linguística opera, na prática, como um ritual de humilhação pública. Através do riso coletivo, como no caso de “*gavallo*” por “*cavallo*”, a comunidade reforça a norma do grupo e marginaliza o desviante. Esta experiência, descrita como humilhante e vergonhosa, gera uma internalização do estigma, onde a vítima, temendo novos erros, passa a monitorizar a sua própria fala de forma ansiosa, um fenômeno claro de silenciamento imposto.

Os padrões linguísticos corrigidos não são falhas aleatórias, mas fenômenos fonológicos sistemáticos. Substituições como “*beruca*” por “*peruca*” ou “*sucar*” por “*açúcar*” resultam de processos como a sonorização e a metátese, influenciados pelo substrato das línguas maternas. Outros casos, como “*seix*” por “*seis*”, são tentativas de hipercorreção, enquanto “*lebal djuntu*” evidencia variação lexical entre dialetos da língua guineense. Todos são, portanto, traços linguísticos legítimos, mas estigmatizados.

Desta forma, a consequência destas microagressões diárias vai muito além do constrangimento momentâneo. Elas funcionam como um mecanismo de pressão social para a homogeneidade, impondo uma variedade linguística hegemônica associada ao poder urbano de Bissau. O resultado é a imposição de uma insegurança linguística profunda, onde os indivíduos são levados a acreditar que a sua expressão natural é defeituosa, transformando a língua num campo de batalha onde se disputam poder, identidade e o direito de pertença.

4.1. ANÁLISE DOS PROCESSOS DE ASSIMILAÇÃO E DISSIMILAÇÃO NAS VARIANTES DO GUINEENSE FALADAS PELOS BALANTAS DE TOMBALI E FULAS DE GABÚ

Para recuperar algumas informações anteriormente veiculadas, retomo os conceitos-chave do nosso trabalho, como a forma de desvendar a nossa quinta questão: Assimilação, segundo Basso; Gonçalves, (2014, p. 100), este fenômeno é entendido como “a transformação de um determinado fonema em outro que seja igual ou semelhante a um que é contíguo dentro da mesma palavra: *ipso* > *isso*”. E quanto a classificação ela pode ser classificada: Assimilação total (completa), assimilação parcial (incompleta), assimilação progressiva e assimilação regressiva. Já a Dissimilação, conforme Basso; Gonçalves (2014, p. 100), a dissimilação,

“consiste em estabelecer uma diferenciação entre dois fonemas iguais”. Exemplo: liliu > lírio”, ou seja, é um fenômeno fonético-fonológico em que dois sons semelhantes em uma palavra se tornam menos parecidos para facilitar a pronúncia ou distinguir significados. Muitas vezes, ocorre junto com outros processos fonológicos, como assimilação ou a metátese. Pode ser classificada como: Dissimilação progressiva ou (direta); Dissimilação regressiva ou (inversa) e Dissimilação por substituição.

5ª Questão: Como você pronuncia as palavras (chocolate, açúcar, janela, chapa, general, garrafa, fase, frase, tranquilo, pedra, palavra, planta, plan, zero, cinco, sangue, dois mil, etc.)? Alguém na sua família (pais, avós etc.) pronuncia de um jeito diferente?⁸

INFORMANTES	
Balantas na UNILAB	1º- Informante: A minha pronúncia em relação às seguintes palavras é: “ socolati ” (chocolate), “ tchapa ” (chapa), “ frasi ” (frase), “ palabra ” (palavra) e “ sanqui ” (sangue) (...). Sim, o meu pai não sabe pronunciar essas palavras, ou seja, pode pronunciá-las de um jeito mais diferente ainda (...).
	2º- Informante: A minha pronúncia em relação às seguintes palavras é: “ jero ” (zero) (...). É claro que os meus avós vão pronunciar-se de forma diferente, porque vivemos em épocas diferentes (...).
	3º- Informante: (...) Temos “ tchoclati ” (chocolate), “ djanela ” (janela), “ sapa ” (chapa), “ garava ” (garrafa) e “ jero ” (zero) (...). Claro que sim, eles pronunciam de forma diferente (...).
Balantas em Tombali	1º- Informante: (...) Chamo da seguinte forma: “ Jero ” (zero) (...). Sim, o meu irmão tem problemas com certas palavras que estão aqui (...).
	2º- Informante: Eu pronuncio: “ tchocolato ” (chocolate), “ djanela ” (janela), “ tchapa ” (chapa), “ jero ” (zero), “ chincu ” (cinco) e “ chanqui ” (sangue) (...).
	3º- Informante: “ socolati ” (chocolate), “ sapa ” (chapa) (...).
Fulas na UNILAB	1º- Informante: (...) Estas palavras sei bem a pronúncia, mas há algumas que não estão aqui que tenho dificuldade em pronunciar, por exemplo: “ pichina ” (piscina) (...). Sim, tenho vários familiares que apresentam essas dificuldades também(...).
Fulas em Gabú	1º- Informante: (...) “ Socolati ” (chocolate), “ zanela ” (janela), “ tchapa ” (chapa) (...). Sim, a minha madrastra, por exemplo, diz “ palanta ” em vez de (planta), “ sucar ” em vez de (açúcar), entre outros (...).
	2º- Informante: (...) “ socolati ” (chocolate), “ zanela ” (janela), “ sapa ” (chapa), “ zeneral ” (general), “ plavra ” (palavra), “ palanta ” (planta) e “ plan ” (plan) (...).

Estes depoimentos destacam a notável consciência fonológica dos falantes, que não só identificam a sua própria pronúncia de palavras como “**socolati**” ou “**jero**”, como também percebem a variação intergeracional, referindo que os familiares mais velhos falam “de um jeito

⁸Esta pergunta foi respondida de duas perspectivas: enquanto os informantes que sabem ler conseguiram ler, aqueles não alfabetizados pronunciaram as palavras visualizando as imagens, sendo que algumas palavras não foram pronunciadas por não haver imagens para sua representação, como é o caso de: fase, frase e tranquilo.

mais diferente". Esta percepção metacognitiva posiciona-os num claro contínuo de mudança linguística, onde as gerações se distinguem através da fala.

A variação fonética segue padrões sistemáticos e estratificados, revelando a coexistência de diferentes influências. Identificam-se três estratos principais: a realização com africada alveolopalatal desvozeada [tʃ] em "**tchapa**" (mais próxima do português); a simplificação para a fricativa alveolar desvozeada [s] em "**sapa**" (influência de substrato linguístico africano); e o uso de fricativa alveolopalatal vozeada [ʒ] em "**jero**" ou fricativa alveolar vozeada [z] em "zero", indicando possíveis hipercorreções. A mesma palavra, como "chocolate" "**socolati**", "janela" "**zanela**", pode ser realizada de múltiplas formas, demonstrando que a mudança é dinâmica e lexicalmente difusa.

Esta consciência, no entanto, é moldada por uma ideologia padronizada. O vocabulário utilizado "problema", "dificuldade" revela a internalização de que existem pronúncias "certas" e "erradas". Assim, o ato de listar e comparar variantes é um sintoma de uma comunidade a navegar um conflito sociolinguístico: entre a lealdade às suas origens e a pressão para adotar uma norma hegemônica percebida, num contexto em que a própria fala é constantemente vigiada e julgada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a identidade linguística e os processos de assimilação e dissimilação que ocorrem no guineense, tendo em vista o preconceito linguístico que os habitantes das regiões de Gabú e Tombali enfrentam em relação ao uso dessa língua. Foram entrevistados doze participantes, distribuídos entre Balantas e Fulas, residentes nas regiões em estudo e estudantes Balantas e Fulas residentes no Brasil, considerando variáveis como região e faixa etária. A análise permitiu não apenas identificar fenômenos fonéticos, mas também compreender as dinâmicas socioculturais que os sustentam.

Em relação à identidade linguística, ficou evidente a marginalização sofrida por esses grupos étnicos, frequentemente estigmatizados como inferiores ou "não genuinamente guineenses" devido às suas variedades linguísticas. Expressões como "*Nánia*" ou "*i kamba korda di Safim*" revelam uma hierarquia social enraizada, que associa o sotaque regional a uma suposta falta de instrução ou de urbanidade. Essa discriminação, longe de ser meramente linguística, reflete tensões étnicas e regionais históricas, que precisam ser enfrentadas por meio de políticas públicas inclusivas.

No que diz respeito aos processos fonológicos, observou-se que tanto a assimilação quanto a dissimilação são fenômenos naturais e sistemáticos, resultantes do contato entre o guineense e as línguas balanta e fula. Entre os exemplos mais recorrentes, destacam-se a troca de /g/ por /z/ (como em “**zeneral**” por “**general**”), a supressão de /a/ após /p/ (“**plavra**” por “**palavra**”), e a substituição de /s/ por /ʃ/ (“**chincu**” por “**cinco**”). Tais variações, embora sejam alvo de crítica e gozo, são manifestações legítimas da diversidade linguística guineense e devem ser compreendidas como parte de um sistema em constante evolução.

Os depoimentos dos entrevistados revelaram, ainda, uma consciência metalinguística clara, e muitos reconhecem que suas pronúncias diferem das variedades prestigiadas de Bissau e que essa diferença é frequentemente usada como instrumento de exclusão. No entanto, essa mesma consciência pode ser um caminho para a valorização das variedades regionais, desde que acompanhada de ações educativas que promovam o respeito à diversidade linguística.

Por fim, este trabalho reforça a urgência de se implementar o ensino de línguas nacionais nos currículos escolares, não apenas como forma de preservar o patrimônio cultural, mas também como instrumento de afirmação identitária. A escola tem o papel crucial de desconstruir estereótipos e demonstrar que a riqueza linguística da Guiné-Bissau é um dos pilares de sua unidade nacional. Em suma, a luta contra o preconceito linguístico é, também, uma luta por justiça social. Valorizar os sotaques de Gabú e Tombali é reconhecer a pluralidade do povo guineense e garantir que nenhuma voz seja silenciada em nome de uma falsa homogeneidade.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 48ª e 49ª. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Júnior, Helena Sprydis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa: A Românica e a formação das línguas românicas**. Rio de Janeiro, Vozes Petropolis, 2014. — (Coleção Linguística).

CALVET, Louis Jean. **As políticas linguísticas**. Traduzido por Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola: Ipol, 2007.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. Companhia editora nacional 48. São Paulo 2007.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, Izete. Lehmkuhl. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. Editora Contexto, 2015.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **ENTRELETRAS**, Araguaína/TO, v. 4, n. 1, p. 24-34, jan. /jul. 2013.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

EMBALÓ, Filomena. **O crioulo da Guiné-Bissau: língua nacional e factor de identidade nacional**. **Papia**, v. 18, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira; prefácio de Lewis R. Gordon. Salvador: EDUFBA, 2008.

GOFFMAN, Erving. Estigmas. **Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução Mathias Lambert, 2004.

GUINÉ-BISSAU. Instituto Nacional de Estatística. **Estado e estrutura da população: III RGPH/2009**. Bissau: INE, 2009. Disponível em: https://www.stat-guinebissau.com/Menu_principal/Estatisticas/Contas_nacio.html. Acesso em: 3 nov. 2025.

POPE, Catherine; MAYS, Nicholas. organizadores. 3ª ed. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde**. Porto Alegre: Artmed; 2009.

RUBIO, Cássio Florêncio. **Multilinguismo nos PALOP: Perfil sociolinguístico e avaliação linguística em Guiné-Bissau**. *Rev. de Letras* – nº. 40 - vol. (1) - jan./jun. – 2021.

SANHÁ, Calado. **Identidade étnica e estigma em Guiné-Bissau: o caso dos Balantas**. 2023.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIQUEIRA, Ranyella de; CARDOSO, Hélio. **O conceito de estigma como processo social: uma aproximação teórica a partir da literatura norte-americana**. *Imagonautas: revista Interdisciplinaria sobre imaginarios sociales*, v. 1, n. 2, p. 92-113, 2011.

SOARES, Simaria de Jesus. **Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo**. *Revista Ciranda – Montes Claros*, v. 1, n.3, p. 168-180, jan/dez-2019.